

REVISTA FACINE 360°

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

THE PROFESSOR IN GUIDANCE AND CO-PARTICIPATION IN ACADEMIC WORKS IN UNDERGRADUATE AND LATO SENSU SPECIALIZATION COURSES IN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS

Esp. Antônio Cláudio Silva Nunes ^[1]

Recebido em: 29/10/2021 | Aprovado em: 11/12/2021 | Revisado em: 23/02/2022

Resumo

O docente do Ensino Superior tem responsabilidades condizentes não só à disciplina que leciona, mas também no que se refere à orientação de trabalhos acadêmicos, sobretudo nos trabalhos de Conclusão de Curso, visto que os professores mais destacados e peritos nas mais diversas áreas de ensino que lecionam são procurados por seus discentes de quem esperam o apoio, a atenção e o norteamento nos mais variados temas, métodos e experiências para finalizar uma graduação e/ou especialização lato sensu. Outro fator observado é a empatia com o orientador por parte dos orientandos. O presente trabalho compreende a esfera do nível superior e esclarece de que forma os professores, enquanto orientadores, podem ser coparticipadores com seus alunos, resultando em trabalhos acadêmicos de qualidade nas Instituições de Ensino Superior – IES, tendo em vista que uma parte do sucesso, fracasso ou mediocridade dos trabalhos acadêmicos depende do professor orientador. Portanto, o presente artigo demonstra a relevância do professor na orientação e coparticipação de trabalhos acadêmicos no ensino superior e na própria vida acadêmica do aluno orientando, enfatizando os cursos de graduação e pós-graduação lato sensu, pois, nos cursos stricto sensu, os discentes devem seguir linhas mestras de pesquisas mais específicas. Dessa forma, é relevante observar a conscientização da importância, comprometimento e dedicação que o professor deve ter ao orientar os alunos, não eximindo a parcela de responsabilidade do discente quanto à sua contribuição na pesquisa científica, para que se possa alcançar um excelente desempenho na fase final da graduação nas IES, inclusive na colaboração para o universo acadêmico, e maximizar o conhecimento científico.

Palavras-chave: Professor Orientador. Produção Textual. Trabalho de Conclusão de Curso. Ensino Superior.

Abstract

Higher Education professors have responsibilities consistent not only with the subject they teach, but also with regard to the guidance of academic work, especially in Course Completion works, since the most outstanding professors and experts in the most diverse areas of teaching that teach are sought by their students from whom they expect support, attention and guidance in the most varied themes, methods and experiences to complete a lato sensu graduation and/or specialization. Another factor observed is empathy with the advisor on the part of the mentees. This work comprises the sphere of higher education and focuses on how teachers, as advisors, can be co-participants with their students, resulting in quality academic work in Higher Education Institutions - IES, considering that a part of success, failure or mediocrity of academic work depends on the guiding professor. Therefore, this article demonstrates the relevance of the professor in the guidance and co-participation of academic work in higher education and in the student's own academic life, emphasizing the lato sensu undergraduate and graduate courses, since, in the stricto sensu courses, the students should follow more specific research guidelines.

Thus, it is important to observe the awareness of the importance, commitment and dedication that the teacher must have in guiding students, not exempting the student from the responsibility for their contribution to scientific research, so that an excellent performance in the phase can be achieved graduation from HEIs, including collaboration with the academic world, and maximizing scientific knowledge.

Keywords: Educational contemporaneity. Active Methodology. Teaching Tactics. Hybrid Teaching.

[1] Graduado em Administração (UNICE – Ensino Superior)
Especialista em Docência do Ensino Superior (UNICE – Ensino Superior)
Pós-graduando em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar (UNICE – Ensino Superior)

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é uma das etapas mais decisivas para alunos nas Instituições de Ensino Superior – IES. O processo educacional percorrido pelos discentes durante o período de ensino acadêmico é marcado por diversos períodos, disciplinas e desafios de natureza psicológica, financeira, laboral e cotidiana. Quando comprometidos em apresentar trabalhos de qualidade, ao término do curso, o desgaste físico e emocional dos alunos é notável.

Entretanto, é comum observar também certa pressa em encerrar as atividades acadêmicas, seja por motivos pessoais, seja por pressão e exigência das empresas em que trabalham ou mesmo por exigência do atual mercado de trabalho. Ademais, alguns alunos, em geral, independentemente da IES, preferem apenas obter o título de graduação e, às vezes, cursar uma pós-graduação para se especializarem na área estudada.

Nesse sentido, faz-se necessária a elaboração de um trabalho de conclusão de curso. Não obstante, os TCCs costumam ser redigidos de forma proveitosa, em que os discentes se debruçam na produção de trabalhos acadêmicos bem pesquisados e com notória dedicação, almejando encerrar a graduação com nota máxima.

Em contrapartida, alguns alunos não conseguem desenvolver bons trabalhos por motivos pessoais ou por apenas ter interesse em obter uma nota para concluir o curso. Na pior das hipóteses, às vezes, observa-se a compra de TCCs, isto é, a produção indevida feita por terceiros e a comercialização de conhecimento, não sendo, assim, uma produção com mérito do graduando.

Diante dessa realidade, levanta-se o questionamento de que forma o professor orientador deve ser participativo neste processo em todas as etapas de desenvolvimento e produção do TCC, seja na graduação seja na especialização. Salienta-se que não se trata de fazer o trabalho do aluno, mas de estar presente e dedicar-se em coparticipar neste momento do discente.

Este artigo versa sobre a atuação do docente enquanto orientador nos diversos tipos de trabalhos acadêmicos a fim de que o aluno orientando elabore, desenvolva, redija e apresente uma produção textual técnico-científica com base em métodos e procedimentos legais. Por meio de revisão bibliográfica, este artigo busca esclarecer a relevância da cooperação e o interesse do docente universitário na vida dos discentes, sendo um dos fatores imprescindíveis que culminam no percurso acadêmico, o tão mencionado TCC.

Por conseguinte, é importante destacar que não somente o docente das IES é o responsável pelo sucesso ou fracasso e pela primazia com os trabalhos acadêmicos ou trabalhos de conclusão de qualidade.

Uma série de fatores pode contribuir de forma positiva ou negativa e, com maior destaque, o interesse do discente é fator decisivo para concluir a graduação com esmero ou mediocridade.

2 O ENSINO PELA PESQUISA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O aluno que ingressa no ensino superior, de início, passa por um processo de adaptação ao nível escolar mais elevado, de modo abrupto ou até mesmo mais drástico do que do ensino fundamental para o ensino médio, pois se percebe que o empirismo e os conteúdos assimilados de maneira mais mecânica em sala de aula deverão ser substituídos por meios mais investigativos, científicos e pesquisados. Em suma, não se pode depender de métodos simples ou desenvolver trabalhos simplórios.

Nesse ínterim, as IES, a gestão acadêmica e, principalmente, os professores precisam utilizar estratégias de ensino para uma aprendizagem eficaz, para que possam abranger os discentes e adaptá-los ao âmbito mais acadêmico.

Perante estes argumentos, Tartuce (2012, p. 16) aconselha às IES:

[...] que orientem seus alunos em relação à ansiedade, estresses, agressividade, timidez e conflitos nas relações sociais, evitando, assim, transtornos de aprendizagem e desenvolvendo as funções importantes da inteligência como pensar antes de reagir, expor as ideias com segurança, não impor, trabalhar em equipe, libertar a criatividade.

Na concepção da referida autora, ressalta-se que é dever das IES propiciar um ambiente de adaptação social e escolar, pois os alunos que ingressam no ensino superior são profissionais que procuram especializar-se ou, ainda, estão fora do mercado de trabalho, mas que visam a novas possibilidades de emprego.

Igualmente, é fundamental que se observe os variados tipos de alunos, desde os aspectos cognitivos limitados, como deficiências de aprendizagem, até os seus problemas de ordem pessoal, salutar, laboral, dentre outros, que podem vir afetar também a aprendizagem do indivíduo e dos outros ao redor.

Além disso, pode-se fazer uma comparação dos alunos como clientes, pois é o público-alvo das IES, e, independentemente se as faculdades e universidades são públicas ou privadas, eles investem para adquirir um dos bens mais preciosos e pertinentes do ser humano: o conhecimento.

De tal modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96, em seu art. 43, a respeito

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

da educação superior, determina:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

Logo, por meio da pesquisa científica, tem-se em vista o desenvolvimento não só da própria IES, mas, sobretudo, do próprio aluno e da qualidade da educação no ensino superior. É oportuno ressaltar que o professor, nesse universo, tem papel relevante no progresso educacional como um todo, visto que é dele a responsabilidade de transmitir o conhecimento e despertar novos saberes em sala de aula.

O desafio dos docentes, então, é utilizar meios eficazes e eficientes para incentivar os discentes do terceiro grau, pois uma grande parte destes, conforme já expressado, é composta por trabalhadores que possuem uma jornada de trabalho exaustiva e apenas assistem ao invés de participarem das aulas.

É frequente constatar, inclusive, o cansaço físico e mental nos alunos e a falta de estratégias estimulantes para aulas de cunho método-científico, principalmente no que concerne à criação e ao desenvolvimento de textos acadêmicos produtivos, que podem afetar o desenvolvimento intelectual dos alunos. A didática deve ser pensada, atualizada e transmitida do modo mais participativo possível para os aprendizes.

Todavia, não se pode apenas apontar o docente como responsável pelo resultado da redação técnico-científica, visto que, na atualidade, há diversos fatores que dispersam os sentidos dos graduandos. A necessidade de buscar soluções para esses problemas é um grande passo para resolvê-los e se encontra na pauta de todo e qualquer professor, especialmente no ensino superior, tendo em vista a pressão e as cobranças sofridas pelos alunos jovens-adultos de se formar em uma profissão promissora e inserir-se no mercado de trabalho para atuar profissionalmente, obtendo sucesso e crescimento na carreira (SUHR, 2012).

Lamentavelmente, diante de tais desafios, têm-se percebido que os textos científicos dos estudantes tendem a não ter tanta inovação que se espera nas IES,

de um modo geral. O professor orientador também pode ser um facilitador no processo de desenvolver métodos de produção textual e pesquisa junto ao discente, além de entusiasmar e fomentar o conhecimento.

Buscando um entendimento sobre esse assunto, deve-se despertar na sala de aula um maior envolvimento da pesquisa científica dentro das disciplinas curriculares. Desse modo, a vivência dos discentes interligada com os procedimentos acadêmicos resulta em processos cognitivos mais práticos, e os resultados são visíveis.

À vista disso, não somente os aprendizes são integrantes desse processo mais especializado na educação, como o próprio educador é fundamental nesse aspecto. Não é apenas apontar o caminho, mas caminhar com o outro na construção de novos conhecimentos e métodos de ensino e aprendizagem mais práticos, mais direcionados para a vida escolar, social e profissional, sendo menos estáticos ou engessados em antigas metodologias que, na atual circunstância, não podem mais ser utilizados.

Para Tartuce (2019, p. 13):

É importante que, na busca de maiores conhecimentos, o aluno assuma e desenvolva hábitos de estudo que o encaminhem para aprender pela pesquisa. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento da capacidade de observar, selecionar, organizar e usar o espírito crítico sobre a realidade social. [...] O ensino pela pesquisa é a especialização mais própria da educação escolar e acadêmica, como também a necessidade de trabalhar com a pesquisa deve ser a atitude cotidiana para professor e aluno. (grifo não original)

Diante desse cenário, é relevante mencionar a pesquisa enquanto forma de desempenho avaliativo sobre o atual contexto socioeducacional no qual os discentes estão inseridos, inclusive, se estiver interligado à realidade cotidiana do aluno. Partindo desse ponto de vista, caso não haja uma vivência no ensino básico relativo ao desenvolvimento de trabalhos, cujos autores são os próprios alunos, com orientação dos professores, pode-se desenvolver grandes obstáculos cognitivos nestes aprendizes até a fase do ensino superior.

No entanto, tendo em vista a realidade do País em não valorizar o trabalho da educação como deveria ser, é comum perceber que muitos docentes têm ocupações em outras organizações pertinentes à sua área de ensino para sobreviver financeiramente, não dispendo de mais tempo para desenvolver produções textuais próprias. Isso é um ponto divergente que deve ser considerado.

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

Entretanto, o público-alvo das IES mudou. Outrora, a figura do professor era o detentor do saber e do conhecimento. Nestes tempos modernos, os meios de comunicação, a troca de informações, o avanço da tecnologia, as mudanças das leis, a evolução da sociedade como um todo, tudo está em constante transformação. Dessa forma, a educação precisa acompanhar esse ritmo contemporâneo, e a pesquisa no ambiente educacional, tanto no ensino básico quanto no superior, pode ser um meio de mudar a realidade do sistema vigente.

O contato entre professor e aluno na construção de novos saberes por meio dos trabalhos científicos deve ser o mais proveitoso possível, tendo em vista que essa simbiose no meio acadêmico resulta em publicações de trabalhos que visam ao reconhecimento na comunidade científica e à credibilidade no reconhecimento profissional e acadêmico no meio científico.

Entretanto, pode-se verificar que a produtividade intelectual tende a ser desgastante para todas as partes envolvidas. Motta-Roth e Hendges (2013, p. 16) explicam que:

No sistema universitário brasileiro, a política de financiamento de bolsas de iniciação científica, de bolsas de pós-graduação e de projetos de pesquisa se baseia no conhecido ditado “Publique ou pereça!” (Publish or perish!) das universidades americanas. Essa pressão para escrever e publicar tem levado alunos, professores e pesquisadores universitários a um esforço concentrado na elaboração de textos de qualidade na forma de artigos periódicos acadêmicos e livros para editoras como meio de assegurar espaço profissional. Desse modo, na cultura acadêmica, a produtividade intelectual é medida pela produtividade na publicação. (grifo original)

Destarte, verifica-se a relevância da pesquisa na área da educação, focando em uma abordagem sobre as práticas de métodos específicos e direcionados para o ensino e a aprendizagem no cotidiano do ensino superior, o papel do educador como agente propagador da pesquisa e os desafios ainda decorrentes da falta de verdadeiros meios para que esse processo seja mais contextualizado na realidade dos discentes.

É conveniente que os docentes não somente enfatizem que a pesquisa no meio acadêmico deve gerar novos conhecimentos, mas também serem atuantes, produtores e propagadores da pesquisa em si, para o engrandecimento das ciências, e, assim, para a valorização do saber humano pelas gerações de novos pesquisadores e novas descobertas. Dessa maneira, tornam-se exemplos e referências para os

alunos na educação superior. Demo (2015, p. 91) reforça que:

Se na escola o professor não precisa ser um profissional da pesquisa, já que é um profissional da educação pela pesquisa, na universidade pesquisa é profissão. Ou seja, é, ao mesmo tempo, no mesmo diapasão, princípio científico e educativo. Sem pesquisa, não há vida acadêmica [...]. O pesquisador propedêutico é aquele que se sustenta na pesquisa como método de atualização permanente e de reconstrução do conhecimento. [...] O professor universitário deveria ser pelo menos um pesquisador propedêutico, assumindo o papel de orientador na pesquisa do aluno. (grifo original)

Por esse motivo, chama-se atenção para o fato de que a gestão acadêmica precisa também acompanhar a evolução e o desempenho dos discentes e docentes na área de produção acadêmica, pois é de suma importância para o nome da instituição no mercado, junto ao MEC, e principalmente na comunidade científica.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Neste trabalho, não serão expostos os mais variados aspectos da Metodologia Científica, visto que, mesmo não sendo objeto particular nesta análise, é imprescindível que o método científico esteja em todo o contexto educacional no ensino superior, desde os semestres iniciais da vida acadêmica dos alunos, de modo a prepará-los para o âmbito da pesquisa científica, não sendo obrigatoriamente ser docente na disciplina de metodologia.

Na opinião de Motta-Roth e Hendges (2013, p. 22):

Redigir, no contexto da universidade, é produzir textos acadêmicos com objetivos muito específicos. Um artigo acadêmico, um abstract, uma monografia, uma dissertação, uma resenha ou um livro têm funções diferentes. Cada um desses gêneros pode ser reconhecido pela maneira particular com que é construído [...]. (grifo original)

Desse modo, o corpo docente das IES precisa incitar os alunos para a produção textual dentro dos princípios científicos, uma vez que é significativo aprimorar o entendimento em cada disciplina ao decorrer do ensino no período da faculdade. Despertar o interesse nos estudantes de ensino superior para serem autores científicos é trazer inovação para as aulas. Nesse sentido, pode-se verificar e aferir o nível de

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

conhecimento das turmas de nível superior, abordando sempre a pesquisa científica e investigativa em complemento aos métodos tradicionais de avaliação, como as provas avaliativas.

Entretanto, o grau de relevância dos aprendizes em pesquisar, elaborar, interpretar e construir seus próprios conceitos e textos são aspectos que, ao final do curso em que se estuda, podem ser fatores cruciais para a redação, criação e apresentação dos TCCs. Para o professor orientador, é mais fácil, didático e estimulante se o aluno estiver familiarizado com os preceitos do método científico.

Ainda nessa linha de raciocínio, não basta o produtor textual formalizar um trabalho científico e desprezar o público de leitores, seja qual for o âmbito direcionado, pois seu trabalho será publicado e lido por outras pessoas interessadas no tema e na problemática dissertada.

Partindo desse pressuposto, a redação acadêmica deve ser bastante criteriosa e inovadora para que os leitores desenvolvam interesse quanto às informações e pesquisas demonstradas pelo que o autor deseja repassar para a academia e para a sociedade de modo geral. Logo, o orientador também deve atentar-se para esse aspecto ao direcionar o orientando a essa vertente.

Convém salientar que é interessante, além do relacionamento professor-aluno, o contato professor-professor, visto que esse último é essencial e observado no momento da apresentação nas bancas examinadoras e avaliadoras. É considerável ter outras opiniões com especialistas na área pesquisada a fim de evitar divergências e conflitos no momento da apresentação, visto que é a etapa final e decisiva na vida de graduação do aluno.

3.1 NORMAS TÉCNICAS E ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT

No âmbito da redação técnico-científica, os pesquisadores, ao redigirem um texto acadêmico, precisam obedecer a certos critérios de formatação, coesão, coerência, dentre outras regras, ou seja, seguir métodos sistematizados para desenvolver e transcrever as ideias, resultados da pesquisa e outras produções textuais que são exigidas no ensino superior.

Nesse aspecto, é crucial mencionar que as normas técnicas fazem parte da construção do método científico e da produção textual. Entretanto, embora existam normas na redação científica e acadêmica, pode-se constatar certas divergências ocasionadas pela flexibilidade no contexto normativo.

Mattar (2017, p. 231-232) fundamenta esse argumento ao informar que:

Normas técnicas são definidas, em nível nacional

e internacional, por diversas organizações. [...]

No Brasil, destaca-se a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), entidade privada e sem fins lucrativos fundada em 1940. A ABNT é o órgão responsável pela normatização técnica no país, representa o Brasil nas entidades internacionais de normatização técnica e é a representante no Brasil das entidades de normatização internacional ISO e International Electrotechnical Commission (IEC). Os estudantes em geral se surpreendem com o fato de as normas técnicas para o desenvolvimento de trabalhos científicos não serem universais e padronizadas. Elas fornecem apenas um arcabouço geral, sobre o qual, inclusive, há muitas vezes significativas variações, dependendo da instituição responsável. (grifo não original)

Partindo da ideia defendida pelo teórico, não se pode redigir um trabalho científico sem obedecer a certos critérios de normatização dentro do que rege a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT e elencados pela IES na qual se está produzindo. Este, muitas vezes, é um ponto de divergência entre docentes e discentes, visto que essa flexibilidade dentro da própria ABNT costuma causar certos debates conflitantes no meio acadêmico, notoriamente observado quando se estuda ou se leciona em diversas instituições.

Entretanto, o fato é que o professor orientador precisa estar ciente das normas dos trabalhos acadêmicos, principalmente dos TCCs dentro da faculdade em que leciona, mesmo que não seja o responsável por ensinar a disciplina de Metodologia Científica. Vale ressaltar que algumas faculdades dispõem de professores exclusivos para orientação de normas científicas durante o período letivo, em paralelo com professores orientadores de conteúdo específico e direcionado para a disciplina na qual o aluno está graduando e finalizando o TCC.

Em contrapartida, outras instituições apenas disponibilizam um manual de normas a serem seguidas, seja por meio impresso, seja no site da instituição, cabendo apenas no momento da apresentação ou da entrega do trabalho a conferência e as observações para avaliar se está condizente com as normas elencadas por outros profissionais da instituição.

Por fim, seja um trabalho acadêmico, seja um trabalho de conclusão de curso, todos têm o grau de importância de acordo como será conduzido e o momento a ser solicitado aos estudantes. Por consequência, os métodos científicos e didáticos são essenciais para determinar o resultado da produção textual por meio dos trabalhos de pesquisa.

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

3.2 TIPOS DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Inicialmente, é interessante discursar sobre o que é trabalho acadêmico e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Ambos são considerados trabalhos científicos, sendo que o primeiro pode ser definido como toda e qualquer produção textual acadêmica desenvolvida no decorrer da graduação e pós-graduação, tanto no *stricto sensu* quanto no *lato sensu*. Tartuce (2019, p. 175-196) cita que alguns exemplos de trabalho acadêmico são: artigos, relatórios, projetos de pesquisa, resenhas, resumos, papers, sinopses, monografias, teses, dissertações, dentre outros.

O trabalho de conclusão de curso, como o próprio vocábulo sugere, é pesquisado, produzido, orientado e apresentado para alcançar um título específico na graduação (bacharel, licenciatura ou tecnólogo) e pós-graduação (especialista, mestre e doutor). Nesse contexto, pode-se citar os artigos, as monografias, as teses e as dissertações.

Por essa referência, entende-se que o pesquisador aprendiz, a partir de uma pesquisa bem elaborada, enriquece seus conhecimentos, competências e habilidades ao aprofundar-se nas problemáticas que surgem nos ambientes vivenciados por este estudante de terceiro grau, tendo o acompanhamento de um pesquisador mais experiente e capacitado, que é o docente orientador. A partir disso, é possível vislumbrar as prováveis respostas para o problema surgido no decorrer do ensino superior.

Cabe ao orientador conhecer seus estudantes e a capacidade cognitiva de seus orientandos. Atividades relacionadas à elaboração e produção textual de cunho técnico-científico, como artigos, resenhas, resumos e especialmente papers, podem ser ótimos indicadores avaliativos para observar o conhecimento processual e a prática desses recursos de pesquisa científica, resultando na concepção de artigos bem produzidos.

Quanto à apresentação desses trabalhos, MATTAR (2017, p. 223) ensina:

Os resultados dos trabalhos de pesquisa, parciais ou finais, podem ser disseminados em diferentes formatos: oralmente (relatórios técnicos, palestras, cursos, encontros, reuniões científicas, seminários, congressos, mesas-redondas, reuniões, jornadas, simpósios, colóquios, fóruns, oficinas, sessões de comunicações científicas, painéis, workshops, etc.), pôsteres (cartazes com fotos, figuras, esquemas, quadros e textos concisos, apresentados em eventos científicos em que o autor fica à disposição para esclarecer dúvidas), transparências, impressos (relatórios, papers, artigos, monografias, dissertações, teses, periódicos científicos, livros publicados etc.), eletronicamente (CDs, softwares de apresentação, Web, periódicos eletrônicos, etc.), ou por meio de combinações dessas mídias. (grifo original)

Pelo que relata o teórico referenciado, a pluralidade de trabalhos e o meio de apresentação destes dependem de cada IES. É normal que, para o TCC, exista uma banca julgadora e examinadora composta por professores das mais variadas titulações e especialidades da área pesquisada e dos cursos oferecidos pelas instituições, além, é claro, do orientador.

A partir dos discursos apresentados, o resultado da nota depende da minuciosa análise dos trabalhos, questionamentos e discussões entre os docentes escolhidos para compor a banca com o professor orientador, e este tem a incumbência de prestar maiores esclarecimentos em caso de dúvidas.

Portanto, é notório o grau de responsabilidade e julgamento nessa fase, pois a aprovação ou reprovação do discente é decisiva neste estágio acadêmico. Em caso de aprovação, a nota dependerá da qualidade da produção científica desenvolvida nesse trabalho.

3.3 PLÁGIO NOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Mesmo diante da orientação de professores ou de material de pesquisa disponibilizados por meios de livros, internet, dentre outros, é presenciada a prática de atos ilícitos no ambiente acadêmico, principalmente no TCC, momento no qual muitos alunos, por pressão para concluir ou por indisposição em não pesquisar, recorrem a meios enganosos. Nesse momento, cabe mencionar um dos grandes empecilhos verificados em TCCs.

Em face dessa situação, deve-se exigir o embasamento teórico e uma fundamentação de conteúdo alicerçada em fontes de pesquisa fidedignas e científicas, não desprezando, contudo, a capacidade do aluno acadêmico e seus conhecimentos, mesmo que empiricamente apresentados no ensino superior.

Waslawick (2014, p. 131) define plágio como:

[...] a apropriação indevida de ideias ou textos de outras pessoas. A prática da cópia do trabalho era comum e aceita entre os escribas antigos e músicos da Renascença e do barroco, mas, com o passar do tempo e com a consolidação do direito à propriedade e sua exploração, o plágio adquiriu status de procedimento antiético. Porém, sempre continuou acontecendo. [...] Independentemente da questão comercial de direitos autorais, o plágio, no meio acadêmico, é extremamente nocivo se não for detectado, pois o plagiador apresenta um resultado que não é de sua autoria e recebe um título que não merece. (grifo original)

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

Nessa perspectiva, esse transtorno é considerado muito sério e grave, inclusive passível de punição criminal, conforme a Lei de Direitos Autorais, nº 9.610/98. Por isso, ao menor sinal de dúvidas sobre a veracidade de conteúdo e conhecimento, é bom indagar ao discente sobre a origem das pesquisas, acompanhar o desenvolvimento da produção textual e atestar o saber adquirido por meio desse trabalho.

É inegável que, por diversas razões, alguns estudantes utilizam de má-fé, ingenuidade, preguiça para pesquisar profundamente, falta de orientação adequada ou mesmo fins ilícitos e apropriam-se de trabalhos acadêmicos de outros autores ou obras de renomados teóricos, copiando trechos, frases inteiras, ideias e pesquisas sem dar o devido crédito aos notáveis pesquisadores.

Entende-se, que é indispensável para os educadores de ensino superior utilizar o discernimento e o senso crítico para diferenciar o conteúdo textual que procede da produção cognitiva por parte do orientando e do material plagiado usado de má-fé.

Na contemporaneidade, é frequente constatar a facilidade para acessar conteúdos inovadores devido à rápida disseminação de informações, as quais são adquiridas pela população mundial que transita pela web. Entrementes, mesmo em meio a esse novo cenário com a internet, nunca foi tão fácil copiar o trabalho de outros, em contrapartida, também nunca foi tão fácil detectar essas cópias (Waslawick, 2014, p. 131).

Porventura, não se pode exigir dos professores que tenham meios ou dispositivos eletrônicos para detectarem possíveis fraudes nos trabalhos. No entanto, é imprescindível que se tenha conhecimento dos alunos orientados, no caso dos TCCs, ou mesmo dos outros discentes no que concerne a trabalhos cotidianos, como resenhas, resumos, dentre outros. Conhecer o grau de maturidade intelectual dos ensinados também é uma forma de detectar algum ponto divergente.

Inclusive, em último caso, é oportuno solicitar auxílio a outros docentes, à coordenação do curso ou à direção escolar. Nesse segmento, não é questão de parecer saber menos na área lecionada, por vergonha ou mesmo orgulho por parte do docente, mas para a finalidade de comprovar a autenticidade desta atividade intelectual, visto que o nome do professor e da instituição estarão inseridos nesse trabalho, que pode ser plágio.

4 A RELAÇÃO ENTRE ORIENTADOR E ORIENTANDO

A escolha de um professor orientador por parte do aluno orientando nos cursos de graduação e especialização depende de certos critérios como o assunto específico na área de estudo, a empatia

com o docente (visto que se não houver, por motivos psicológicos, não se obterá um resultado de qualidade, ou seja, a produção textual satisfatória para a finalidade proposta como a obtenção de um título acadêmico) e a disponibilidade do professor para a orientação acadêmica.

Todavia, o essencial é constatar que o processo de orientação deveria ser uma etapa na vida do docente e discente que efetivasse uma relação essencialmente educativa. Vale ressaltar que o orientador desempenha a função de um educador, cuja experiência mais amadurecida interage com a experiência em construção do seu orientando (Severino, 2016).

Em complemento, NOGUEIRA (2012, p. 20) aconselha:

[...] o mais importante é o professor manter o foco no desenvolvimento do aluno como um todo, contemplando a formação profissional, os conhecimentos interdisciplinares, a prática da pesquisa, as relações interpessoais, a ética, a integração teoria-prática e a relação de todos esses fatores com a formação pessoal, ou seja, há de se priorizar uma formação integral do aluno. (grifo original)

Infelizmente, não se tem essa percepção no decorrer do processo de orientação, principalmente se o fator antagônico for o tempo, em outras palavras, o discente precisa cumprir os prazos estipulados pelas IES para o início, desenvolvimento e finalização do trabalho acadêmico ou TCC.

Nesse caso, a disciplina e a competência em desempenhar a produção textual são do próprio orientando, inclusive, este não pode exigir ou esperar que o orientador diga tudo o que tem para fazer e como fazer. É importante que o aluno tenha pró-atividade, iniciativa e curiosidade para pesquisar.

Outro fato a ser considerado, para os graduandos, é o estresse e as pressões por parte das empresas que investem nos colaboradores estudando no ensino superior a concluírem o mais breve possível e o investimento financeiro no terceiro grau, que é considerável no orçamento pessoal e familiar.

Na verdade, o professor deve ter em mente que contribuir para formação acadêmica, pessoal e profissional do estudante universitário, considerando os aspectos cognitivos, sociais, afetivos e relacionais implicados no exercício de uma formação integral, deve ser prioridade, não só no ensino superior, mas em todos os níveis de ensino, para que a educação possa cumprir seu papel na criação de um mundo melhor, com cidadãos mais conscientes, críticos e criativos (NOGUEIRA, 2012).

Logo, o professor orientador precisa incentivar

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

e estimular o orientando a não somente almejar esse objetivo, mas a demonstrar o quanto essa elaboração de textos científicos pode galgar novos patamares na vida do ensino superior, seja na especialização, seja no mestrado e mais além.

Neste aspecto, o ensinante torna-se um agente educacional e cultural ao ensinado no sentido de contribuir, por meio da produção textual, para o aperfeiçoamento da gramática e da escrita, o conhecimento de novos termos e palavras e o estímulo em aprofundar-se no assunto e no objeto a ser pesquisado.

É oportuno destacar duas das grandes estratégias que os orientadores precisam ter para com seus orientandos: a atenção e o encorajamento. Saber ouvir, além de ser parte da educação do ser humano, é uma atitude que os alunos esperam de seus educadores, assim como o incentivo nos determinados temas, assuntos e problemas que os discentes desejam pesquisar, mesmo que necessitem de discussão de ideias, alterações, sugestões e correções, o que implica em orientação.

Outro fato a ser considerado é perceber uma afinidade do aluno para com o docente no processo de orientação visando a alcançar o resultado satisfatório no desenvolvimento e na apresentação do trabalho acadêmico. Nessa conjunção, não se pode eximir a afetividade dentro dos princípios e limites éticos do docente e respeito por parte do discente, na construção cognitiva da produtividade intelectual no ambiente universitário.

É, portanto, um relacionamento mútuo, pois o nome do professor orientador constará registrado no trabalho do aluno, e este pode expressar outras particularidades de ordem psicológica como frustrações, nervosismo, ansiedades e outras dificuldades inerentes ao término do curso e adversidades pessoais. Pelo lado positivo, gera-se uma permuta de conhecimentos tanto científicos quanto empíricos, o aprimoramento do processo cognitivo e a assimilação de novos conteúdos pelo ensinado, além de novas perspectivas e realidades que o orientador adquire.

Zanutto e Oliveira (2016, p. 3) são bastante enfáticos ao explicarem que:

[...] há decididamente uma necessidade de mudança de postura, sobretudo por parte do professor, em relação ao ensino de produção escrita. O objetivo desse ensino é desenvolver a competência discursiva do aluno, oferecendo-lhe a oportunidade de usar a linguagem nas mais diversas situações e contextos, de modo a torná-lo um leitor competente, um conhecedor dos mecanismos gramaticais e lingüísticos e autor de textos. (grifo não original) (sic)

Em consonância com essa ideia, a responsabilidade é considerável nesta situação, pois a coparticipação do orientador é similarmente coautoria na concepção de textos acadêmicos e TCCs.

Entretanto, é bem verdade que o professor orientador também tem seus compromissos, aulas, vida pessoal e uma pluralidade de atividades dentro e fora das IES. Diante destes desafios, é certo que alguns docentes preferem não ter a responsabilidade de orientar com a alegação de tomar boa parte do seu tempo, sendo mais um motivo da não produção de trabalhos acadêmicos bem desenvolvidos pelos orientandos.

Não obstante, os graduandos desassistidos por esses tipos de professores tendem a não render tanto no TCC e até se desestimulam em continuar a estudar na IES vigente, o que pode ocorrer na mudança de instituição. Nas instituições privadas, conseqüentemente, não se perde somente um aluno, mas, inclusive, um cliente.

Ademais, é de suma relevância existir uma relação com ética, respeito e diálogo, em que o professor preste assistência ao aluno e este acolha as orientações do docente, cujo este especialista tem, é óbvio, mais experiência, conhecimento e sabedoria no percurso acadêmico e profissional. Cabe ressaltar que existem ideias errôneas sobre o que é realmente a função de um orientador.

Sendo assim, SEVERINO (2016, p. 247) esclarece:

O papel do orientador não é o papel de pai, de tutor, de protetor, de advogado de defesa, de analista, como também não é o de feitor, de carrasco, de senhor de escravos ou de coisa que o valha. Ele é um educador, estabelecendo, portanto, com seu orientando uma relação educativa, com tudo o que isto significa, no plano da elaboração científica, entre pesquisadores. A verdadeira relação educativa pressupõe necessariamente um trabalho conjunto em que ambas as partes crescem. Trata-se de uma relação de enriquecimento recíproco. É necessário que ocorra uma interação dialética em que esteja ausente qualquer forma de opressão ou submissão. (grifo original)

Então, mesmo que o objetivo seja conduzir a evolução de um determinado trabalho científico no ensino superior, qualquer que seja, deve-se ter em mente que, antes de tudo, o professor orientador precisa cumprir seu papel principal o qual foi chamado que é educar e, além disso, para o engrandecimento dos dois autores do conhecimento científico e acadêmico: o próprio docente e o discente.

Em síntese, é de grande relevância que o

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

professor orientador desempenhe a função para qual foi designado e prestar uma atenção especial, dentro de suas possibilidades e limitações, na condução e aprimoramento dos trabalhos dos pesquisadores iniciantes no conhecer científico.

CONCLUSÃO

Desempenhar a função de docente orientador é assumir responsabilidades que perpassam aos métodos cotidianos de ensino e de aprendizagem, como também aplicar metodologias mais práticas. Não deve ser entendido como uma obrigação acadêmica repetida em todo semestre nas instituições de ensino superior.

Ser professor orientador é ser agente estimulador dos graduandos para serem construtores de novos conhecimentos e utilizar a pesquisa científica como meio transformador na vida pessoal e profissional do discente. É despertar neopesquisadores na comunidade científica, disseminar na sociedade e na academia os resultados de muito tempo de estudos e pesquisas por meio dos trabalhos de conclusão de curso e incentivar o crescimento universitário gradativo dos formados.

Conclui-se que a coparticipação e a coautoria na redação técnico-científica devem servir de exemplo e estímulo para outros docentes e que a recompensa supera ter o nome em um trabalho de conclusão de curso ou atualizar o currículo. É apreciar a conquista alcançada por um academicista depois de muito esforço, luta e dedicação e saber que foi coadjuvante nesse êxito.

Almeja-se, com estas reflexões, demonstrar aos leitores e pesquisadores que, mesmo em meio às adversidades econômicas, financeiras, políticas, sociais e educacionais que o País enfrenta (e sempre enfrentou), o docente, mais precisamente do ensino superior, é o enriquecedor na ordenação do pensar, do questionar e do cultivar a consciência crítica na sociedade por intermédio da pesquisa científica e da produção textual de excelente qualidade.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Disponível em: <http://www.abnt.org.br/> Acessado em: 01/set/2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, [s.d.]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acessado em: 16/ago/2021.

_____. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Lei de Direitos Autorais. Brasília, DF: Presidência da

República, [s.d.]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm Acessado em: 16/ago/2021.

_____. Qual a diferença entre pós-graduação lato sensu e stricto sensu? Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu> Acessado em: 01/set/2021.

_____. Quem estabelece as normas do Trabalho de Conclusão de Curso? Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu-secretaria-de-educacao-superior/perguntas-frequentes> Acessado em: 01/set/2021.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 10. ed. São Paulo: Editores associados, 2015.

_____. Outro professor: alunos podem aprender bem com professores que aprendem bem. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

LEITE FILHO, Geraldo Alemandro; MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. Revista de Administração de Empresas [online]. 2006, v. 46, n. spe. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902006000500008 Acessado em: 31/ago/2021.

MATTAR, João. Metodologia científica na era da informática. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Aprendizagem do Aluno Adulto: implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: InterSaberes, 2012.

PRIBERAM Dicionário. Propedêutico. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/proped%C3%AAutico> Acessado em: 30/ago/2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SUHR, Inge Renate Froese. O processo de ensino-aprendizagem do aluno adulto: conceitos importantes. In: NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Aprendizagem do Aluno Adulto: implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: InterSaberes, 2012.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. Conhecimento científico e processo de ensino. Revista Visão Acadêmica. Fortaleza, ano 2, n 2, jun. 2012.

_____. Normas e técnicas para trabalhos acadêmicos. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

O DOCENTE NA ORIENTAÇÃO E COPARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Antônio Cláudio Silva Nunes

WASLAWICK, Raul Sidnei. Metodologia de pesquisa para ciência da computação. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ZANUTTO, Flávia; OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. A produção escrita no ensino superior: interação e gêneros do discurso acadêmico. Disponível em: <http://www.escreita.uem.br/escreita/pdf/zanutto.pdf> Acessado em: 01/set/2021.